

As narrativas do jornalismo cultural.

Análise discursiva de peças informativas sobre Música durante o ano 2000.

Marisa Torres da Silva (FCSH/UNL)

7 de Dezembro de 2012

IV Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia



Objecto e questões de pesquisa

- ◆ Análise discursiva e qualitativa de peças informativas sobre música, assinadas por jornalistas da secção de cultura (e incluídas nessa mesma rubrica), no Público, DN, JN e Correio da Manhã – ano 2000 – 54 peças.
- ◆ Questões: até que ponto é que as regras de escrita jornalística se aplicam ao jornalismo cultural? Será que podemos falar, além de um “jornalês”, de um “culturês”?

Os títulos: indeterminação e criatividade

- ◆ “Um labirinto para Bach” (Público, 29.04); “Os sons da bonança” (CM, 7.08); “Agora eles navegam até nós” (DN, 26.02); “Quando a guitarra toca Chaínho...” (JN, 17.12)
- ◆ “Um casamento inevitável” – título da notícia / chamada de 1ª página: “Fusão: Time Warner e EMI confirmam fusão” (Público, 25.01)

Os títulos: indeterminação e criatividade

- ◆ “Heavy Metal Machine” (Público, 17.01)
- ◆ “Cantar ao fado uma poesia maior” (DN, 4.06)
- ◆ “Manos Veloso no Pavilhão Atlântico” (DN, 22.05)
- ◆ “Foi você que pediu litros de concertos?” (JN, 3.03)
- ◆ “Mereces todas as rosas do mundo” (JN, 30.10)
- ◆ “Telefonema leva Elton John a ‘fugir’ do casino” (CM, 15.09)
- ◆ “Às vezes gosto de armar estrilho” (JN, 2.04)
- ◆ “Aniversário, revisão e projectos” (Público, 26.03)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ Entrada da peça (Público, 26.03): “Como compositor, intérprete, teórico e criador de instituições, Pierre Boulez é a mais importante figura da música na segunda metade do século XX. E *continua a ser* o conversador com uma *inteligência luminosa*, como se consta na entrevista que ontem concedeu ao Público.” (sublinhados nossos)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “Ouvimos ‘Pli selon Pli’, obra sobre a qual escreveu que trabalhar nela estava em plena utopia: como fazer a passagem, diria a ‘transmutação’ em música dos sonetos de Mallarmé? A utopia é ainda algo de importante para si? E, a propósito de Mallarmé, o ‘Livre’ é evidentemente um objecto, existe, mas, pela sua própria natureza, é um projecto inacabado. Será que a sua obra em geral, para além de cada obra singular (e regressa tantas vezes a obras anteriores, faz revisões delas, faz outras sobre as que já existiam – por exemplo, agora, ‘Sur Incises’, a partir de ‘Incises’) estão sempre inacabadas?” (pergunta em entrevista a Pierre Boulez, Público, 26.03)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “O álbum está longe de mostrar uma alma sedenta de revolução mas (...) deixa claros sinais de fuga à cristalização numa certa busca de novas fontes de prazer e inspiração.” (DN, 3.06)
- ◆ “Foi, no mínimo, fabulosa e longa a actuação de Beck”; “na memória recente, muito naturalmente, transportávamos ainda as cenas e canções do inesquecível concerto que este ano levara já ao Coliseu dos Recreios em Lisboa”; “cenário diferente esperava os Bush (...) apesar de terem mostrado a mais descartável e inconsequente das prestações da noite.” (DN, 6.08)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “mas é PJ Harvey que todos queremos” (JN, 30.10)
- ◆ “Numa altura em que a ‘beatlemania’ renasce para a posteridade, os Beatles editam hoje uma compilação de 27 singles número um e lançam finalmente um site oficial na Internet. Quanto é preciso para despertar o mito?” (Público, 13.11)
- ◆ “Mas Lisboa não seria o que é sem o fado, a canção nacional que no fundo é a mais alfacinha de todas as formas de expressão artística” (CM, 19.06)
- ◆ “sete salas a funcionar em simultâneo entre as 9h e as 24h!”;
“Ontem dizia-se que tinham sido vendidos 90 mil bilhetes!” (Público, 29.01)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “Que poderia fazer João Braga com a sua voz? Cantar. E cantar como canta, rompendo as teias de aranha e as rodilhas dos idiotismos para se erguer num voo de claridade sem tempo nem idade. Um estilista, o João? Sim, sim. Porque é notável o esmero que descobrimos em cada interpretação. Porque o habita a elegância dos que não cedem à vulgaridade (...). E são poemas destes poetas que a voz de João Braga beija num beijo que se desprende para se encontrar com o seu público.” (DN, 4.06)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “Mas, vá lá, ao menos não aturamos outra vez com os Gene Loves Jezebel. Se bem que será necessária alguma paciência para levar com os Bloodhound Gang. Com tanta banda interessante no nosso país, será legítimo perguntar por que raio foram recrutados estes músicos imberbes que fomentam, nas suas letras e espectáculos, a piada fácil, a discriminação, a alarvidade e, acima de tudo, a estupidez.” (JN, 10.06)

O jornalista de música – entre o perito e o “companheiro” do público

- ◆ “Para que Chicago pudesse estrear em Outubro, a produtora começou a trabalhar em Janeiro, estabelecendo contactos e criando condições para que o Coliseu pudesse receber o espectáculo com a mesma qualidade da Broadway, o que passou pela instalação de uma nova plataforma para a régie de som.” (Público, 26.10)
- ◆ “apostou sobretudo na solidificação de todas as estruturas de apoio ao festival”; “a aposta na segurança é, de resto, uma das certezas maiores das edições dos festivais Sudoeste” (DN, 4.08)
- ◆ “o arranque do festival patrocinado pela cerveja preferida dos portugueses” (JN, 3.03)

4 publicações, 4 pressupostos diferentes?

- ◆ “E se o compositor espanhol Pedro Escobar, autor do primeiro tratamento polifónico de um Requiem na Península, fosse esse mesmo Pedro do Porto, cujo ‘Magnificat’ é a primeira obra polifónica nacional? A generalidade dos músicos portugueses acha que é. E os responsáveis do Porto 2001 preparam-se para relembrar a redescoberta de um grande músico da cidade.” (Público, 24.01)
- ◆ “Stephen Merritt é quem cola as peças da electrónica kitsch que restam dos Kraftwerk, farrapos sinfónicos e recordações dos Beach Boys, dos Abba e do som Motown. O resultado tem a consistência do plástico mas segue-se como uma telenovela.” (Público, 23.12)

4 publicações, 4 pressupostos diferentes?

- ◆ “a comunidade luso-portuguesa viu consagrado, naquela que é uma das mais prestigiadas salas de espectáculo da Cidade Luz, um dos nomes que lhe é mais querido, num concerto cheio de emoções que levou um “cheirinho” de Portugal àqueles que, mesmo longe, não esquecem o seu país de origem.” (CM, 31.05)
- ◆ “um tema que, mais uma vez, realça o que de melhor tem o amor e eleva ao máximo a pureza de uma relação a dois. Não será esse o sentido da vida?” (CM, 24.09)
- ◆ “O mais importante foi conseguido: que música portuguesa marcasse presença, confortasse, desse força e tentasse remediar as saudades dos que estão longe das suas raízes.” (CM, 31.05)

A sobre-lexicalização e o “culturês”

- ◆ “prelúdio instrumental sombrio e fantasmagórico, uma viagem aterradora por entre as trevas de um mundo apocalíptico que anunciava a temível descida aos infernos que se seguiria” (Público, 17.01)
- ◆ “dona de um fôlego invejável”; “a pujança e a sensualidade da voz de Alanis não deixaram ninguém indiferente” (CM, 16.07)

A sobre-lexicalização e o “culturês”

- ◆ “cantora respeitada e admirada por quem aprecia a sua voz grave e arrastada, particularmente adequada a canções de amor de fazer tremer as pedras da calçada.” (DN, 22.05)
- ◆ “algumas bebedeiras prematuras, desesperados em busca de boleia, punks veteranos e rastejantes, meninos imberbes mascarados de freaks, turistas desnorteados, os de tranças rasta e sorriso cimentado na face, e muitas – mas mesmo muitas! – miúdas lindas com penteados à Bjork.” (JN, 3.08).